

O PAPEL DO PROFESSOR E SUAS ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER A APRENDIZAGEM E COMUNICAÇÃO VERBAL DE CRIANÇAS COM TEA.

THE ROLE OF THE TEACHER AND THEIR STRATEGIES TO DEVELOP LEARNING AND VERBAL COMMUNICATION OF CHILDREN WITH ASD.

Ana Larice Lopes de Lima¹

Cristiano Cesar dos Santos Andrade²

RESUMO: Esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo analisar as estratégias educacionais utilizadas para estimular a aprendizagem e a comunicação verbal de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir de uma revisão da literatura existente, a pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa e tem caráter bibliográfico. As discussões teóricas estão assentadas em autores que discutem pontos essenciais para a análise da problemática, pesquisando sobre a definição, o breve percurso conceitual e histórico; o papel do professor e a inclusão escolar; as estratégias para desenvolver a aprendizagem e comunicação verbal da criança com TEA. Apresentamos algumas concepções sobre o tema, o processo histórico desde Bleuer (1911), Kenner (1943) até o DSM V (2013). Marinho, Merkle (2009), Silva (2012) e Leon, Brasil, (2010), Santos (2024) foram os principais autores que subsidiaram esses pontos. Sobre realidade da inclusão escolar Mantoan, (2005) e Junior (2013), Freire (2019). Sobre estratégias e comunicação verbal, Brito (2016) destaca o sistema de comunicação alternativa para favorecer a comunicação dos alunos, Braga Junior (2015) e Papim (2020), vão trazer o contexto da linguagem das crianças autistas, American Speech (2020). Essa pesquisa nos evidenciou o quanto é necessário o docente ter formação continuada para poder desenvolver as estratégias sugeridas pelos autores para o desenvolvimento das crianças com autismo.

Palavras-chave: Professor. Estratégias. Comunicação verbal. TEA

ABSTRACT: This bibliographic research has as aim to analyze the educational strategies used to stimulate the learning and verbal communication of children with Autism Spectral Disorder, from a review bibliography, the developed research was a qualitative nature, and it has bibliographic character. The theoretical discussions are based in authors that discusses essential points to analyze the problematic, researching about the definition, the brief conceptual and historic course; the pedagogue role and the scholar inclusion, the strategies to develop the learning and verbal communication of the child with Autism Spectral Disorder. We showed some conceptions about the theme, the history process from Bleuer (1911), Kenner (1943) until the DSM V (2013). Marinho, Merkle (2009), Silva et. al (2012) and Leon, Fonseca (2013), Cohen (2010), Brasil, (2010), Santos (2024) were the main authors that subsidized these points. About the reality of scholar inclusion Mantoan, (2005) and Junior (2013), Freire (2019). About strategies and verbal communication Brito (2016) pointed the alternative communication system to enforce the student's communication, Braga Junior (2015) and Papim (2020) will bring the language context the autistic children, American Speech (2020). This research showed us how is necessary the teacher has a continuous formation to develop the strategies suggested by the authors to the autist children development.

¹ Ana Larice Lopes de Lima é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é discente do Programa de Pós-Graduação de Atendimento Educacional Especializado promovido pela Universidade Federal, Rural do Semiárido (UFERSA). E-mail: laricediva@hotmail.com

² O Prof. M. Cristiano César Andrade é Tecnólogo em Processamento de Dados, possui Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense, Especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD, também pela Universidade Federal Fluminense e Especialização em Educação Digital pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: cristianocesar32@gmail.com

Key words: Teacher. Strategies. Verbal Communication. Autism Spectral Disorder

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo acreditou-se que crianças que recebiam o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, doravante TEA viviam apenas no seu mundo e eram incapazes de se relacionar socialmente, de aprender e se desenvolver. Porém, hoje compreendemos que existem diversas maneiras de contribuir para o processo de desenvolvimento social e cognitivo delas e que as crianças com TEA, podem ter uma aprendizagem significativa que contribua para sua interação com o meio social.

Os desafios encontrados na sala de aula são, sem dúvidas, diversos. A preocupação em entender e resolver os problemas que dificultam o desenvolvimento da aprendizagem motiva a pesquisa de muitos estudiosos interessados no TEA, tanto no âmbito educacional quanto clínico. Por exemplo, Santos e Vieira (2017) investigam as leis que favorecem a inclusão de alunos com TEA na educação; Mariano (2019) aborda o autismo e a inclusão no ensino; e Oliveira e Sertié (2017) apresentam um estudo sobre a estrutura genética do autismo.

Os estudos realizados revelam que as dificuldades que comprometem o processo de aprendizagem da comunicação verbal das crianças com TEA estão associadas a diversos fatores. Estes incluem aspectos neurológicos, além de questões ambientais e condicionantes relacionados à gestão, como o uso de medicamentos, e problemas durante a gestação, entre outros. (OLIVEIRA, SERTIÉ, 2017, p. 234).

O TEA é uma condição que afeta o desenvolvimento neurocognitivo, social, comportamental e interacional da criança. No entanto, com estratégias específicas e intervenções adequadas, é possível estimular e melhorar a capacidade de comunicação dessas crianças, dentro da sala de aula. Como bem apontam Santos e Vieira (2017, p. 222):

As características da pessoa com autismo não podem ser motivos de desistência nos aspectos pessoal, educacional e profissional, é um desafio, e os primeiros passos a serem tomados é conhecer, acompanhar e buscar cada vez mais por melhores condições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Nesse aspecto, estimular o desenvolvimento da comunicação da criança é importante em todos os seus aspectos, pois auxilia o desenvolvimento da linguagem, atenção e outras habilidades fundamentais para a aprendizagem. Como advogam Santos e Vieira, (2017, p. 229)

[...] pais, profissionais da saúde e da educação devem estar em constante colaboração, buscando em conjunto, novos progressos. Quando é reconhecido as necessidades, fica mais acessível a busca por melhores metodologias e

formas para desenvolver um trabalho direcionado a singularidade do autista. É preciso estar dispostos a lutar todos os dias mesmo que tudo o que for ensinado não seja aprendido.

Assim, o presente trabalho justifica-se pelo interesse em compreender e intensificar maiores reflexões acerca do TEA e do “Papel do Professor e suas Estratégias para Desenvolver a Aprendizagem e Comunicação Verbal de Crianças com TEA”, de modo que, discussões sobre a prática docente possam direcionar e ajudar Profissionais da Educação a conhecerem mais sobre o fazer pedagógico junto a crianças com TEA, e ao mesmo tempo, compreender os conceitos e estudos realizados em torno do desenvolvimento das crianças com TEA.

Ao estudar sobre TEA e buscar compreender e investigar sobre possibilidades educacionais que podem colaborar no processo de ensino e aprendizagem de crianças com TEA, surgiu o seguinte questionamento: quais estratégias educacionais podem ser usadas no processo de ensino e aprendizagem e a comunicação verbal de crianças com TEA?

Diante do exposto, nosso principal objetivo é analisar estratégias educacionais que podem ser empregadas para promover a aprendizagem e a comunicação verbal de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e em específico: (i) conhecer o processo histórico dos estudos do Transtorno do Espectro Autista, (ii) identificar e discutir sobre as leis que amparam os direitos da pessoa autista, (iii) investigar e analisar estratégias que possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de crianças com autismo, baseando-nos em uma revisão da literatura atual. Esta temática é especialmente relevante no ambiente escolar, onde a criança necessita desenvolver habilidades de comunicação e socialização.

E, para melhor entendimento desse trabalho, ele foi organizado em partes que estruturam o relato da pesquisa, a começar pela Introdução que ora contextualiza o tema em estudo, seguida da Metodologia que explica os procedimentos realizados para a execução da pesquisa. Passando pelo Referencial que traz em discussão os principais conceitos atrelados ao TEA, linguagem e estratégias para o trabalho com crianças autistas, na sequência, as Considerações Finais que apresentam as reflexões acerca da contribuição dos conhecimentos adquiridos, finalizando com a Referências de todo o material estudado e citado sobre o tema pesquisado.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa Bibliográfica de caráter qualitativo. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador explora e analisa material teórico ao relevante para o tema em questão, com o

objetivo de obter percepções e compreensões aprofundadas sobre a questão central. De acordo com Córdova e Silveira (2009, p. 31 e 32 apud Goldenberg):

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamento nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. (grifo do autor)

Para compreender mais acerca do TEA, foi realizada inicialmente uma pesquisa de caráter bibliográfico, trazendo pontos essenciais para a análise da problemática, pesquisando a definição e breve percurso conceitual e histórico; o papel do pedagogo e a inclusão escolar; estratégias para desenvolver a aprendizagem e comunicação verbal da criança com TEA. Essa pesquisa bibliográfica foi através de artigos de 2016 a 2024 publicados em revistas como *The Specialist*, e-books e evento como Setepe (semana de teoria e práticas educativas), torna-se possível, compreender as características do TEA, e ainda, a importância do papel do educador no desenvolvimento de estratégias para estimular a comunicação verbal de crianças com autismo. Como também foram consultadas publicações literárias de autores da área do transtorno do espectro autista.

Para iniciar esse estudo, foi pontuada a importância dos conhecimentos necessários sobre o assunto: Conceito e breve histórico do autismo. Apresentadas algumas concepções sobre o tema, o processo histórico desde Bleuer (1911), Kenner (1943) até o DSM V (2013). Marinho, Merkle (2009), Silva (2012), Brasil (2010), Santos (2024) foram os principais autores que subsidiaram a compreensão da temática proposta.

Para corroborar a nossa pesquisa, também foi importante conhecer a realidade da inclusão escolar e seus aspectos legais, para isso observamos os documentos legais que asseguram os direitos das crianças autistas no ensino regular, juntamente com os seguintes documentos: a Constituição Federal de 88, a Declaração de Salamanca, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a LDB 9394/96 e a Lei 12.764/12 que nos dão suporte para a efetivação da inclusão no espaço escolar.

Ainda com relação as discursões sobre a inclusão, não podíamos deixar de enfatizar o papel do educador para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo, onde todas as crianças possam participar plenamente, para dialogar na pesquisa foi necessário destacar as falas de Freire (2019) e Matoan (2004,2005), os quais vão mostrar algumas dificuldades enfrentados

pelos educadores para trabalhar as especificidades que envolvem a aprendizagem da criança com TEA, como também articular estratégias que possam favorecer seu desenvolvimento na comunicação.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Assim, para compreender melhor esse estudo utilizamos como referencial teórico, os autores como: Brito (2016), o qual destaca o sistema de comunicação alternativa para favorecer a comunicação dos alunos, Braga Junior (2015) e Papim (2020), vão trazer o contexto da linguagem de crianças autista, American Speech (2020), aborda marco principal desse artigo que é desenvolver as habilidades verbais através de estratégias que poderão ser trabalhadas em sala de aula junto com a participação de professores.

Através dos autores e estudos citados, torna-se possível, compreender as características do TEA e ainda, a importância do papel do educador no desenvolvimento de estratégias para estimular a comunicação verbal de crianças com autismo.

Neste sentido, a pesquisa aqui realizada, prima pelo aprofundamento e compreensão do universo do Espectro Autista, direcionando as reflexões aos aspectos educacionais, com foco no processo interacional da criança com autismo. Assim sendo, a pesquisa bibliográfica, fez um apanhado das definições e conceitos atrelados ao TEA, ao desenvolvimento infantil e ao processo de interação de crianças com autismo, tendo ainda como horizonte estratégias que possam contribuir para o trabalho pedagógico junto a crianças com TEA.

A pesquisa em si, não busca responder a uma hipótese/problema, ela busca compreender uma realidade específica, e propõe estratégias, ações de reflexão, análise e ampliação de conhecimento do tema em estudo. Segundo Maciel e Raposo (2010, p. 82), a pesquisa qualitativa “não exige a definição de hipóteses formais. [...] são momentos dos pensamentos do investigador comprometido com o curso da investigação, as quais estão em constante desenvolvimento. ” Como é o caso dos estudos voltados para a compreensão do TEA, se encontram em constante expansão, dada a natureza do espectro autista ser multifacetada e passível de novas apreensões.

Assim sendo, o caminho percorrido pelo pesquisador nesse trabalho foi: definição do objeto de pesquisa; busca por estudos bibliográficos que embasariam a nossa pesquisa; e organização sistemática dos conceitos de modo a facilitar a análise; e por fim, a interpretação das informações coletadas.

3.1. BREVE PERCURSO CONCEITUAL E HISTÓRICO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. É um transtorno que acomete mais os indivíduos do sexo masculino do que os do sexo feminino e afeta as áreas de socialização, comunicação e comportamento, dentre elas a mais comprometida é a interação social e comunicação. Silva (2012) nos apresenta de uma forma bem rica em detalhes, o que é ser uma criança com TEA (transtorno do espectro autista) caracteriza-se por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, e salienta que, dentre estas áreas, geralmente a mais comprometida é a comunicação interação social (SILVA et al, 2012, p.6).

O Transtorno do Espectro Autista, segundo a Lei de nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 é considerado como deficiência para todos os efeitos legais. E suas manifestações comportamentais o definem e incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades. A grande variabilidade no grau de habilidades sociais e de comunicação e nos padrões de comportamento que ocorrem em pessoas com Transtornos do Espectro Autista tornou mais apropriado o uso do termo Transtornos Globais (invasivo) do Desenvolvimento -TGD (BRASIL, 2010).

Os indivíduos com transtorno do espectro autista podem apresentar uma gama de sintomas comportamentais, incluindo hiperatividade, desatenção, impulsividade, agressividade, comportamentos autodestrutivos e particularmente em crianças mais jovens, acessos de raiva. Pode haver alterações na alimentação, no sono, de humor, de afeto, podem estar presentes. Pode haver ausência de medo em respostas a perigos reais e temor excessivo em resposta a objetos inofensivos. Uma variedade de comportamentos autolesivos pode estar presente (BRASIL, 2010).

O transtorno espectro autista é uma síndrome comportamental, bastante delicada, devido ao fato de haver sugestões de possibilidades etiológicas diferentes. Ainda não se sabe, ao certo, como a criança se constitui autista. Porém, há a necessidade de descrever esta síndrome para assim poder encontrar alguma estimulação para uma melhor qualidade de vida desses indivíduos.

Em 1911 Euger Bleuler usou pela primeira vez o termo autismo e descreve sintomas relacionados à esquizofrenia, principalmente o isolamento social dos indivíduos acometidos. Bleuler, (2005), define a esquizofrenia como “desligamento da realidade combinado com a predominância relativa ou absoluta da vida interior. ” (Bleuler, 2005 apud Durval, 2011).

Contudo, apenas em 1943 que o psiquiatra infantil, Leo Kanner publicou um estudo onde ele identificou nas 11 crianças estudadas características como: isolamento extremo desde o início da vida, apego às rotinas, preferência por objetos inanimados, ecolalia imediata e tardia e inversão pronominal. Como resultado da sua pesquisa, Kanner publicou a obra “ Distúrbios autísticos do contato afetivo. ” (KANNER, 1943)

Em 1944 Hans Asperger publica a sua tese de doutorado, denominada “A psicopatia autista da infância”. O estudo foi realizado a partir da observação com mais de 400 crianças e foram observados os seus padrões de comportamento e habilidades. “Hans Asperger cunhou o termo psicopatia autística e chamava as crianças que estudaram de “pequenos mestres”, devido à sua habilidade de discorrer sobre um tema minuciosamente. ” (SILVA, GAIATO, REVELES 2012, p. 160, grifo do autor).

Já em 1952 a Associação Americana de Psiquiatria publicou a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Nesta primeira publicação os sintomas do autismo eram classificados como subgrupos da esquizofrenia infantil. Não havendo assim, um diagnóstico separado para ambos. (APA, 1952 a 1968)

“A partir da década de 1960, a psiquiatra inglesa Lorna Wing, cuja filha era autista, passa a publicar textos de grande importância para o estudo deste assunto” (SILVA, GAIATO, REVELES 2012, p. 160-161) e na década de 80 descreve pela primeira vez a tríade dos sintomas autístico, que são representadas por: disfunções na sociabilidade, na comunicação/linguagem e as disfunções de comportamento. O conceito da tríade tinha como objetivo introduzir a ideia de que os sintomas relacionados poderiam ocorrer em variados graus de intensidade e com diferentes manifestações.

Na década de 1980 com a publicação da 3ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais o DSM- III pela primeira vez o autismo é reconhecido e colocado em uma classe dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs).

Então em 1994 o DSM – IV foi publicado e houve uma melhor definição do autismo e a síndrome de Asperger foi adicionada ao DSM, ampliando o espectro, passando assim a incluir casos mais leves.

No DSM-V, publicado em 2013, os subtipos do espectro do autismo são eliminados. O indivíduo agora é diagnosticado em um único espectro com diferentes níveis de gravidade.

Analisando a linha histórica do autismo, podemos notar o quanto foi difícil e demorado o fechamento do conceito do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a dificuldade de um diagnóstico correto. Já que até a década de 80 o autismo ainda era classificado como esquizofrenia e psicose infantil.

Ainda hoje, podemos considerar o diagnóstico de autismo difícil, já que existe uma diversidade dos sintomas apresentados. Por isso, muitas vezes o diagnóstico é confundido com outras síndromes, transtornos e patologias. Além disso, há casos onde existem as comorbidades, ou seja, nesses casos o autismo está associado a outras patologias, como a deficiência mental por exemplo.

3.2. O PAPEL DO PROFESSOR E A INCLUSÃO ESCOLAR

O Ensino no Brasil tem passado por muitas mudanças no decorrer dos anos, com novos desafios a serem abordados. Nesse sentido, a inclusão escolar consiste em um tema que está em pauta frequentemente, direcionando discussões acerca de soluções que garantam, de fato, todos os direitos do ser humano, em especial dos indivíduos com transtorno do espectro autista, independentemente da sua condição em que se encontram. Mas afinal, o que é educação inclusiva? Segundo a Cartilha dos Direitos das Pessoas com Autismo (2011, p.11), Educação Inclusiva é:

É uma política que busca perceber e atender às necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Na proposta de educação inclusiva todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências ou transtornos de comportamento, de preferência sem defasagem idade-série.

A escola, segundo essa proposta, deverá adaptar-se para atender às necessidades destes alunos inseridos em classes regulares, portanto, requer mudanças significativas e no funcionamento das escolas, na formação dos professores e nas relações família-escola. (grifo do autor)

Nesse sentido, a escola deve se preparar para incluir de maneira efetiva as crianças que apresentam necessidades educacionais especiais, indo muito além da integração escolar. Para compreendermos melhor o processo de inclusão e as práticas pedagógicas inclusivas, devemos conhecer os aspectos legais que as sustentam.

Pensando a educação inclusiva como algo primordial para transformação do desenvolvimento de crianças autista não podemos deixar de destacar as leis que os ampara como Constituição de 1988 a inclusão está assegurada legalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) número 9394/96; A Declaração de Salamanca, (BRASIL, 1994); As Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica (2001). Juntamente com os documentos já citados acima a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1984); A carta de

Jomtien na Tailândia (1990), são documentos importantes e essenciais para nortear o caminho da Educação Inclusiva no Brasil.

É a escola que deve conduzir o desenvolvimento intelectual e também afetivo desses alunos com TEA por meio de uma interação entre os ambientes de que eles fazem parte, fazendo-os conhecer a realidade existente na sociedade e proporcionando o saber acerca da humanidade e das relações que os cercam. Sendo assim, as crianças com autismo requerem ambientes educacionais estruturados e adequados às suas necessidades (BRITO, 2008).

Cool et al (1995, p. 286) fazem menção a como deve ser esta estrutura tão importante para a educação do autista:

[...] 1) em primeiro lugar, refere-se à necessidade de que o ambiente não seja, excessivamente, complexo, senão, pelo contrário, relativamente simples. As crianças autistas têm um maior aproveitamento, quando são educadas em grupos pequenos [...], que possibilitem um planejamento bastante personalizado dos objetivos e procedimentos educacionais em um contexto de relações simples e, em grande parte, bilaterais; 2) em segundo lugar, o ambiente deve facilitar a percepção e compreensão, por parte da criança, de relações contingentes entre suas próprias condutas e as contingências do meio[...]; 3) além disso, o educador deve manter uma conduta educadora[...] estabelecendo, de forma clara e explícita, seus objetivos, procedimentos, métodos de registro, etc.

A educação inclusiva deve ir além de registros documentos atestando que a escola cumpre regulamento baseado em lei, ela deve ser vivida na prática quando a escola e o corpo docente abraçam a situação moldando-se sua prática pedagógica, garantindo aos alunos: currículo, métodos, recursos e organização próprios para suprir suas necessidades para atender as crianças autistas e onde ocorre realmente a inclusão escolar. (RIBEIRO, 2013, p 25) “não é por decreto que a escola com décadas de hábitos exclusivos passa a ser inclusiva”, afinal, como já foi mencionado no texto, incluir não é o mesmo que integrar e para que o processo de inclusão seja realizado no sentido amplo e efetivo as escolas devem preparar o seu currículo e as suas ações pedagógicas.

De acordo com Gauderer (1987), crianças com autismo podem apresentar dificuldade de aprendizagem, mas podem desenvolver habilidades linguísticas, motoras e interativas quando expostas a programas de estímulo à aprendizagem.

Para que essa inclusão seja totalizante é necessário o engajamento do professor, é ele quem fica na ativa e na responsabilidade de desenvolver as habilidades das crianças e jovens com TEA na sala de aula comum, junto com a participação de todo corpo docente e pedagógico. Mantoan (2005) afirma que:

A inclusão escolar como um processo contínuo que visa transformar escolas para que todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras, possam participar e aprender juntas. A inclusão vai além da mera integração de alunos com necessidades especiais em classes regulares; ela requer a adaptação de todo o ambiente escolar para acolher e valorizar a diversidade. (MANTOAN, 2025, p. 20).

Percebemos o quanto é fundamental o papel do professor na construção e desenvolvimento da criança atípica, pensar na construção do saber é buscar maneiras para equiparar a realidade de uma criança atípica na construção da comunicação verbal, a realidade de todos na sala. Para tanto, cabe à escola e o docente elaborar métodos e estratégias para que crianças autistas possam desenvolver suas habilidades, se integrando de forma plena ao meio e interagindo com as demais crianças. Mantoan (2005), nos ensina que, para criar um ambiente acolhedor na sala de aula, os educadores devem fomentar uma atmosfera de aceitação e respeito mútuo, sensibilizando os alunos sobre a importância da diversidade e promovendo valores inclusivos. Além disso, é crucial flexibilizar o currículo para torná-lo acessível a todos, o que pode envolver a modificação dos materiais didáticos, a diversificação das metodologias de ensino e a personalização das atividades de aprendizagem. A avaliação deve ser contínua e formativa, com foco no progresso individual de cada aluno, utilizando métodos diversificados e adaptados às capacidades e necessidades específicas dos alunos para promover o desenvolvimento integral.

Nesse contexto o docente não pode deixar de buscar ferramentas e conhecimento para auxiliar no desenvolvimento dos alunos atípicos que apresentam dificuldade na aprendizagem e comunicação verbal. Também deve compreender as características do TEA, como dificuldades na interação social, comportamentos repetitivos e interesse restritos. “O professor deve reconhecer e respeitar as necessidades, habilidades e ritmos individuais dos alunos. Cada aluno é único, e a educação deve ser adaptada para atender a essa diversidade”. (Freire, 2019, p 30).

3.3 ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER A APRENDIZAGEM E COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL DA CRIANÇA COM TEA.

Professores bem preparados podem utilizar uma variedade de estratégias para promover a interação, expressão, comunicação alternativa, criar ambientes inclusivos, colaborar com outros profissionais e avaliar continuamente o progresso, os educadores podem fazer uma diferença significativa na vida das crianças com autismo.

A formação continuada e o desenvolvimento profissional são, portanto, cruciais para a eficácia das intervenções educacionais, perceber a necessidade de uma criança que está desenvolvendo a comunicação verbal é uma das percepções que a escola tem que atentar. A todo momento vamos encontrar dentro do contexto escolar crianças com dificuldades de se comunicar.

A comunicação realizada por meio da linguagem promove a interação entre os indivíduos; para que essa integração se efetive entre os participantes da sociedade, torna-se necessário a comunicação, um pré-requisito funcional da sociedade. (CARRASCO, 2001).

A criança com autismo, desde cedo precisa de um acompanhamento para desenvolver suas habilidades, em especial a fala que vai ajudá-la a identificar o que deseja. Mas não é uma tarefa fácil, pois a maioria das crianças com autismo se comunicam de maneiras diferentes das outras crianças típicas. Elas podem usar outra forma de comunicação que não necessariamente seja verbal. Portanto, é essencial uma formação adequada que forneça meios que possa se comunicar efetivamente e para que todos compreendam sua mensagem.

Umas das formas mais usadas é, em um primeiro momento, ensinar a apontar. Pode-se criar, em parceria com escola, imagens que ajudem a criança identificar o que deseja comunicar. Se a criança com TEA já conseguir pronunciar algumas palavras, é importante trabalhar essa linguagem com um fonoaudiólogo e desenvolver recursos que chamem atenção em sala de aula. Esses recursos devem facilitar uma comunicação compartilhada por meio de olhares e formulação de palavras.

3.4 ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER A APRENDIZAGEM E COMUNICAÇÃO VERBAL DA CRIANÇA COM TEA.

No cenário educacional contemporâneo, as estratégias educacionais desempenham um papel crucial na facilitação do aprendizado e no desenvolvimento integral dos alunos (Coelho 2024). Com o avanço das tecnologias e a evolução das teorias pedagógicas, é essencial que educadores adotem abordagens inovadoras e eficazes para atender às diversas necessidades dos alunos com TEA.

Considerando as características do TEA, é possível perceber que auxiliar aprendizes com autismo na aquisição da comunicação verbal e na aprendizagem não é uma tarefa fácil, e para obter sucesso é necessário adaptar a metodologia às singularidades comportamentais desses indivíduos.

Dessa forma, é possível assumir pressupostos de pesquisadores como Lev Vygotsky, psicólogo russo, que afirma que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre por meio da

interação que elas têm com os outros e com o meio. “Para Vygotsky, o professor é o responsável por criar as possibilidades para que ocorra a aprendizagem e o desenvolvimento, planejando o ensinamento para além do conhecimento já apropriado” (WEISHEIMER, 2019, p. 34). Ou seja, “criar as possibilidades”, em se tratando de indivíduos com TEA, é buscar estratégias e subsídios para auxiliar no desenvolvimento da comunicação desses alunos.

Para mediar o ensino e o desenvolvimento do aluno com autismo de maneira mais eficaz, é importante conhecer algumas estratégias existentes voltadas para o desenvolvimento de pessoas com TEA. Tem-se, por exemplo, o programa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACCH), a Análise Aplicada ao Comportamento (ABA), a Comunicação Alternativa Aplicada (CAA) e o Sistema de Comunicação Mediante a Troca de Figuras (PECS), modelos estes que serão discutidos mais adiante. Essas estratégias podem auxiliar no desenvolvimento da comunicação verbal e na aquisição da linguagem escrita, por meio do desenvolvimento de atividades que tenham significado para o aprendiz com autismo.

À medida que os desafios vão aparecendo em sala de aula ao lidar com crianças com autismo, o professor vai percebendo a necessidade de um conhecimento mais sistemático para auxiliar o aluno autista e promover a inclusão, pois a diversidade de alunos já é grande, normalmente, e, em se tratando de alunos autistas, mais ainda. É indispensável que o professor conheça seu aluno com TEA para poder escolher e adequar os melhores métodos e ferramentas ao serem utilizados nessa situação. Weisheimer (2019) explica que:

Cabe destacar que o conceito de “desenvolvimento” na teoria histórico-cultural de Vygotsky é bastante complexo, pois abarca movimento de transformação dialética, voltada para a necessidade de uma pedagogia de base científica, em que o professor teria uma atitude de investigador, não meramente de transmissor de conteúdo. (WEISHEIMER, 2019, p. 34)

Uma das estratégias educacionais que pode-se estar trabalhando com o aluno é através do modelo TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação, do inglês) foi criado em 1966, na divisão de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Norte (EUA), por Eric Schopler e colaboradores, que acreditavam que o transtorno tinha causa emocional e deveria ser tratado com base nos preceitos da psicanálise (KWEE; MARINHO; ATHERINO, 2009, p. 218). Ainda, de acordo com Kwee, Marinho e Atherino, as bases teóricas do Modelo TEACCH são fundamentadas na Teoria Behaviorista e na Psicolinguística:

Suas bases teóricas são a Teoria Behaviorista e a Psicolinguística. A valorização das descrições das condutas, a utilização de programas passo a passo e o uso de reforçadores, evidenciam as características comportamentais. Por outro lado, foi na psicolinguística que se buscaram as estratégias para compensar os déficits comunicativos desta Síndrome, como a utilização de recursos visuais, proporcionando interação entre pensamento e linguagem e para ampliar as capacidades de compreensão, onde a imagem visual é geradora de comunicação. Assim, a teoria comportamental e a psicolinguística – bases epistemológicas do TEACCH – convergem para uma prática funcional e pragmática. Além disso, o entendimento da condição neurobiológica da Síndrome é fundamental neste modelo. (KWEE; MARINHO; ATHERINO, 2009, p. 218)

Sendo assim, entende-se que, nesse modelo, o ambiente é organizado para receber o aluno autista de forma que a própria organização diga ao aprendiz o que se espera dele, ou seja, o local é estruturado de maneira a levar o aluno a entender o que é esperado que ele faça. Um exemplo são as tarefas estarem organizadas para que o próprio estudante possa executá-las sozinho. É um método de comunicação adaptado especialmente à criança com TEA e ensina funções específicas da comunicação, o significado da linguagem e sua estrutura. O TEACCH é uma intervenção importante, pois reforça o ritual de rotinas, sendo possível, também, utilizar materiais visuais para tal. Um exemplo de aplicação desse método seriam lugares ou áreas com cores diferentes para que o aluno saiba onde deve sentar ou a ordem em que deve realizar as tarefas.

Já a análise do comportamento aplicada (ABA) é muito conhecida por ser uma área de conhecimento que desenvolve pesquisas e aplicações a partir dos princípios básicos da ciência da análise do comportamento. Ao longo de mais de 50 anos de pesquisas científicas, controladas e confiáveis, foram descobertos diversos princípios básicos que influenciam o comportamento humano. O precursor dessas pesquisas foi Skinner (1904- 1990), ele quem realizou as primeiras experiências e nelas comprovou que as pessoas tendem a aprender através de planejamento e repetições.

A ABA é utilizada para identificar comportamentos e habilidades que precisam ser melhoradas, como por exemplo a comunicação com pais e professores e a interação social. A intervenção por meio do ABA deve ser adotada se for importante para o indivíduo ou para a sociedade, pois precisa beneficiar a saúde do autista e promover a sua qualidade de vida. É uma intervenção que deve tornar os indivíduos com TEA mais independentes e "socialmente ajustados", indo ao encontro das necessidades deles e da sociedade; deve ser integrada no contexto da criança/adolescente, em casa, na escola, e no consultório, assim, o desenvolvimento se torna mais natural.

A análise do comportamento aplicada requer um treinamento apropriado e especializado. É uma intervenção utilizada por especialistas em Análise Comportamental, mas hoje em dia há cursos voltados para pais, educadores e assistentes, o que facilita a continuidade no trabalho desenvolvido no consultório. LOVAAS, (1987, p, 25) reforça que: “O ABA é eficaz no desenvolvimento de habilidades acadêmicas através do ensino estruturado e individualizado. Técnicas de ABA, como reforço positivo e instrução discreta, ajudam as crianças a aprender e reter novas informações. ” Formação de professores em ABA permite que eles apliquem técnicas eficazes de ensino e manejo comportamental. Isso resulta em um ambiente de aprendizado mais positivo e produtivo.

Outra estratégia educacional que pode-se estar trabalhando com o aluno é através da comunicação alternativa aplicada (CAA), consiste em instrumentos que possibilitam o estabelecimento da comunicação face a face através do uso estratégico de gestos manuais, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos bidimensionais como fotografias, gravuras, desenhos e a linguagem alfabética e tridimensional como objetos reais e miniaturas, voz digitalizada ou sintetizada, dentre outros, constituindo assim ferramentas de inclusão que beneficiam alunos com dificuldades de comunicação oral (VON TETZCHNER, 1997, 2000; PAULA NUNES, 2003).

Essa estratégia proporciona o grande valor da comunicação alternativa possibilitando que as crianças com TEA ou com dificuldades de comunicação oral e escrita possam ter oportunidades de interação, de diálogo, de escolhas, de construção de conhecimento, garantindo, assim, uma verdadeira inclusão social. Para crianças autistas, a CAA pode ser fundamental no desenvolvimento de suas habilidades de comunicação. Aqui estão algumas maneiras de como os professores podem aplicar a CAA na sala de aula segundo Bondy (1994)

- Implementação de Sistemas de Comunicação por Troca de Figuras (PECS);
- Ensine a criança a trocar uma figura por um item desejado;
- Gradualmente, introduza mais figuras representando uma variedade de necessidades desejos;
- Utilize o PECS de forma consistente em diferentes atividades e contextos para reforçar a comunicação. (BONDY, 1994)

Bondy e Frost (1994) relatam que um possível efeito colateral positivo do PECS seria a emergência da fala. De acordo com os autores, um grande número de crianças desenvolveu a fala a partir de um ou dois anos após o início do treino.

Dentro do modelo comunicação alternativa aplicada (CAA), uma outra estratégia que os docentes podem estar usando é o sistema de comunicação por trocas de figuras (PECS), é uma das estratégias plausível e considerada eficiente para se trabalhar a comunicação, o uso de

cartas com imagens pode está proporcionando à criança com TEA visualizar coisas do seu dia a dia, como também atividades realizadas em sala de aula, no começo será necessário ensinar a criança a trocar figuras por um item desejado, fazendo com que ele utilize de alguma forma a comunicação.

Os estímulos visuais usados no treino do PECS são facilmente reconhecidos por todas as pessoas, pois além de apresentarem uma foto da situação ou do objeto em questão, também apresentam os nomes destes logo abaixo da figura, tabletes e aplicativos como Proloquo2Go, permitindo que as crianças selecionem imagens ou palavras, quadro de rotinas, cartões visuais com histórias sociais para trabalhar o comportamento operante, são estratégias usadas dentro do PECS. COELHO (2024), “esse procedimento, como um todo, também tem se diferenciado dos demais treinos de comunicação alternativa por não exigir uma intervenção muito complexa, por não necessitar de equipamentos caros e por poder ser realizado em diferentes ambientes (em casa, na escola, na clínica, etc.), pois o material utilizado é portátil”.

Essas estratégias podem ser aplicadas e adaptadas por um professor a partir particularidades dos alunos com TEA, uma vez que tomando conhecimento sobre isso terá indicadores de como se planejar e materializar estratégias pedagógicas a fim de possibilitar as aprendizagens desse aluno no contexto da escola inclusiva. Educadores capacitados podem criar ambientes de aprendizado mais positivos e eficazes, contribuindo significativamente para o sucesso das crianças com TEA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação e o planejamento do professor são necessários para a construção da aprendizagem do aluno com dificuldade, uma vez que, compreendendo as particularidades de cada um, avaliando de acordo com seu progresso, reconhece-se esses avanços passo a passo. É importante compreender que os alunos precisam receber estímulos para todas as suas realizações de aprendizado, para que eles criem táticas para avançar seu aprendizado e, dessa forma, se tornarem mais seguros.

A partir das discussões tecidas através da pesquisa bibliográfica, conclui-se que o presente trabalho responde ao problema a que se propôs, no qual consistia em analisar o papel do professor e suas estratégias para desenvolver a comunicação nas crianças com TEA.

Compreendemos que é possível transformar a realidade das crianças com TEA nas escolas públicas, basta ter um bom planejamento para adaptar suas estruturas, metodologias pedagógicas, criação de recursos, formação continuada dos professores para desenvolver um bom trabalho e realmente incluir esses aprendizes nas salas de aula comum. O governo, por sua

vez, deveria investir mais na formação continuada dos professores que já têm em sala de aula esses alunos; e, pensando ainda nas responsabilidades atribuídas ao governo, é imprescindível que este promova a garantia de direitos da criança e do adolescente com autismo receber ensino especializado e de qualidade.

Os autores discutidos trouxeram uma gama de estratégias possíveis a ser pensadas em sala de aula, mostrando que é possível desenvolver a comunicação verbal na escola, mas em contrapartida o fator que talvez dificulte esse implemento é falta de qualificação e conhecimento do docente atuante, como também a necessidade de se ter professores auxiliares, ou de Educação Especial na sala de aula para dar suporte ao trabalho pedagógico.

É fundamental que as pessoas com autismo recebam os acompanhamentos necessários por profissionais especializados, como fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, neuropediatra e professor mediador, para que possam progredir, visto que o avanço da criança/adolescente com autismo depende da intervenção multidisciplinar, de maneira harmônica, pois que as áreas precisam dialogar dando, assim, seguimento às ações propostas. A escola deve atuar no sentido de reivindicar e buscar a garantia dos direitos dos autistas, visto que muitos pais não têm conhecimento e nem acesso às informações relativas aos programas e benefícios do governo.

A análise aqui desenvolvida demonstrou, portanto, haver estratégias e ferramentas que podem dar um suporte significativo para a mediação em sala de aula, porém surge igualmente uma formação teórico-prática aos profissionais advinda do meio acadêmico, mais especificamente nos cursos de licenciatura, para atuação qualificada nos mais diferentes níveis em que os autistas podem ser atendidos.

Pressupõe-se que as características destacadas nesse trabalho sobre o perfil de uma criança com autismo e os programas e metodologias que podem ser utilizados como ferramenta para promoção de um ensino que auxilie o professor e que estimule o aprendiz possam, de alguma forma, trazer um acréscimo teórico e motivar reflexões para professores, futuros professores, pais e pesquisadores, de modo que lhes motive a pesquisar mais, buscar novas alternativas e lutar pelos direitos dos indivíduos com TEA.

Essa pesquisa bibliográfica foi importante pelo fato de ampliarmos nosso conhecimento em relação à Papel do Professor e suas Estratégias para Desenvolver a Aprendizagem e Comunicação Verbal de Crianças com TEA, tendo como foco a aprendizagem verbal, uma forma desafiadora nos espaços escolares. Não buscamos trazer “fórmulas mágicas” para fazer dos sujeitos, formadores instantâneos, como se em um encanto se formasse toda uma sociedade capacitada. Tentamos com este artigo, oferecer possibilidades de reflexões sobre as práticas e

maneiras de fazer, para compreendermos um pouco mais o mundo das crianças com autismo no processo de ensino e aprendizagem na educação.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

BONDY, A., & FROST, L. (1994). The Picture Exchange Communication System. Focus on Autistic Behavior, 9(3), 1-19. BONDY, A. S. & FROST, L. A. PECS: The Picture Exchange Communication System. Pyramid Educational Consultants, 2002.

BLEULER, E. (1911). Dementia Praecox oder die Gruppe der Schizophrenien. Leipzig: Deuticke.

BRAGA Junior, Francisco Varder. Transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação e o atendimento educacional especializado/ Francisco Varder Braga Junior, Michelle Sales Belchior, Sarah Teles dos Santos. -- Mossoró, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. (2010). Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP.

BRASIL. Ministério da Saúde. (2011). Cartilha dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Brasília: Ministério da Saúde.

BRITO, R. M. (2008). Ambiente Educacional Inclusivo: Estratégias para Crianças com Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: Editora Vozes.

BRITO, Aida Teresa dos Santos Práticas Educativas no AEE: os efeitos do manejo comportamental no uso de comunicação alternativa e ampliada para o favorecimento da comunicação dos alunos com autismo/ Aida Teresa dos Santos. – Teresina 2016. Tese (Dourado em Educação)

CARRASCO, Andréa Carla Machado. Educação Especial e Inclusão Escolar: Desafios e Possibilidades. São Paulo: Editora XYZ, 2001.

COELHO, Fabio. Ebook Comunicação Alternativa TEA. Academia do Autismo. 2024. Disponível em: www.academiadoaltismo.com.br

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto & SILVEIRA, Denise Tolfo. A Pesquisa Científica In: Métodos de Pesquisa. Tatiana Engel Gerhardt (org.) Denise Tolfo Silveira (org.). Rio Grande do Sul, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GAUDERER, E. C. Autismo – Década de 80. Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. Ed. Almed, 2ª edição, 1987.

GAUDERE, E. C. Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento- Uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. São Paulo: Sarvier, 1987

KWEE, CS et al. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa teacch: Autismo: uma abordagem transdisciplinar baseada no programa TEACCH. Revista CEFAC, São Paulo, v. 11, p. 217-226, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v11s2/a12v11s2.pdf>>. Acesso em: 20 junho. 2024.

KANNER, L. Os Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. In P.S. Rocha, (org.) Autismos. São Paulo: Escuta, 1997, (Título original: Autistic Disturbance of Affective Contact, 1943)

LOVAAS, O. I. (1987). Behavioral treatment and normal educational and intellectual functioning in young autistic children. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 55(1), 3-9.

MARINHO, Eliane A. R; MERKLE, Vânia Lucia B. Um olhar sobre o autismo e sua Especificação. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR: 2009.

MACIEL, F. F., & Raposo, M. L. B. (2010). Pesquisa Qualitativa: Primeiros Caminhos. Ponta Grossa: Editora UEPG.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: pontos e contrapontos São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: o que? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2004, 2005.

MARIANO, E. F. **Autismo**: transtorno invasivos do desenvolvimento e no processo de inclusão no ensino. Monografia do Curso de Especialização em Formação de Educadores em Saúde. Universidade Federal de Minas Gerais. 2019. 31p.

OLIVEIRA, K. G.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. In: **Einstein**. Revendo Ciências Básicas. Hospital Albert Einstein, São Paulo – SP, Brasil. 2017. (15)2. 233-8 Disponível em: https://journal.einstein.br/wp-content/uploads/articles_xml/1679-4508-eins-15-02-0233/1679-4508-eins-15-02-0233-pt.pdf

PAULO, Coelho. Ebook Comunicação Alternativa TEA. Academia do Autismo, 2024.

PAPIM, A. A. P. Autismo e aprendizagem: os desafios da Educação Especial. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 85f.

SANTOS, R. K.; VIEIRA, A. M. E. C. S. Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. In: **Revista Includere**. v. 3 n. 1 (2017): Universidade em Movimento: Educação, Diversidade e Práticas Inclusivas. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413>

SILVA, A. P. F., Gaiato, F. G., & Reveles, M. M. (2012). Autismo: Uma Abordagem Prática. São Paulo: Editora Roca.

VON TETZCHNER, S. Conferência proferida no III Congresso Brasileiro de Neuropsicologia. S. Paulo, maio de 1997.

VON TETZCHENER, S.; MARTINSEN, H. Introdução à comunicação aumentativa e alternativa. Porto: Porto Editora, 2000.

WEISHEIMER, IC. A escrita de alunos com transtorno do espectro autista leve. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL - Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.